



Publicações Periódicas
Pode abrir-se por subscrição postal. Autorizada a circular fechada. DEZ1302022CSB2B/jan



Gaiato

5 de Abril de 2025 • Ano LXXXII • N.º 2115
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Famílias

UM dos aspectos sempre valorizados em todas as Casas de acolhimento de crianças é o ambiente familiar em que devem viver.

Hoje em dia os conceitos de família variam, do tradicional ao nada parecido com este. De qualquer modo, nenhum é perfeito na sua realidade. Todos poderão ser semelhantes ao ideal, a Família de Nazaré, se couberem no seu modo de ser.

Poderão dizer que um padre teria de apontar para a Família de Jesus, Maria e José como modelo familiar, uma Família em que Deus está presente, não só espiritualmente mas também de forma visível na Pessoa de Jesus de Nazaré. De facto, nesta Família, para além da relação pessoal e comunitária com Deus Criador, encontramos um relacionamento humano perfeito: ausência de toda a espécie de egoísmo, disponibilidade para dedicar a própria vida ao serviço do outro, concorrerem todos para o interesse maior da Família, ligação afectiva, fiel e comprometida entre os membros, a toda a prova.

Nas famílias comuns, naquilo que esteja longe deste modelo, pode não significar que isso seja mau, mas mostra a imperfeição dos que compõem a família e do seu conjunto. A partir de certo ponto, pela ausência de bons alicerces familiares, a família poderá começar a vacilar e pode chegar à auto-destruição, do que não faltam exemplos nos nossos dias.

Talvez por não acreditar que se crie verdadeiramente um espírito de família nas Casas de acolhimento de crianças, quem tutela esta matéria desvaloriza-as, e promove a sua substituição por famílias de acolhimento.

Mas, também nestas, há imperfeição. Será que a dimensão mais reduzida da família de acolhimento trará vantagens para que a criança acolhida encontre mais família nestas? Poderá acontecer que em alguns casos sim.

Mas, o que parece contraditório, é criarem nas crianças das Casas de acolhimento regras que tendem para uma mentalidade individualista, impedindo a possibilidade da instauração e conservação do espírito familiar que, inicialmente, se desejava alcançar nas mesmas.

Esta é a nossa causa: que as crianças que acolhemos, sendo muitas ou poucas, sejam educadas para o respeito e serviço

Continua na página 3



Comunidade da Casa do Gaiato de Malanje

PELA CASA DO GAIATO DE MALANJE

Contentor para Malanje

CONFORME os nosso leitores e amigos sabem da minha passagem por Malanje, e por proposta do P.e Rafael, estamos a organizar um “contentor” para enviar a esta Casa do Gaiato, para podermos suprir a necessidades de vária ordem, particularmente acrescidas pela situação sócio-económica que a sociedade angolana se encontra a viver. Também, estas circunstâncias afectam o nosso “dia-a-dia”, e por isso vimos apelar à generosidade de todos vós, agradecendo toda e qualquer ajuda que possa brotar do vosso coração! Para agilizar as “ofertas”, poderão contactar a Casa

do Gaiato de Setúbal (265501227 / 932326350 / 919122782), ou entregar nas nossas instalações, bem como enviar alguma “doação” monetária para o IBAN: PT50 0010 0000 0154 4210 0018. Para melhor poderem perceber as necessidades, estamos disponíveis para receber os seguintes artigos: alimentos — arroz, massa, cereais, enlatados, leite em pó; produtos de higiene Pessoal — pasta de dentes, sabonetes, champoos, cremes hidratantes, corta-unhas; calçado de Verão de rapazes (tamanhos 24 a 46), ténis, sandálias, sapatos; habitação — toalhas de banho, toalhas de rosto, repelente para mosquitos, eléctricos e/ou lâmpadas, impressoras, computadores e outros acessórios, materiais escolares, bicicletas, etc... Como dizia o nosso Pai Américo, “somos uma Obra pobre, mas quem pede são os padres e não os rapazes!”

Desde já o nosso bem-haja, e podem contar com as nossas orações!

Padre Fernando

CALVÁRIO

NO passado dia 19, dia de São José — esposo da Virgem Maria, a que a sociedade civil junta a celebração do Dia do Pai, fomos à capela celebrar a Eucaristia. Alguns dos membros da Casa estavam em actividades terapêuticas. O Paulo Sérgio disse que não queria estar nessas actividades. Tem essas vontades, que respeitamos. Convidei-o, então, a ir à capela connosco. Aceitou. Ele e muitos amigos vizinhos que sempre marcam presença aos domingos e dias especiais. Na homilia parti-

lhada perguntei-lhe pelo pai. Disse, para espanto de todos, que se lembrava dele e que se chamava Francisco. Uma resposta que vale uma vida! Quando pensamos que vivemos alheados da realidade, eis que nos chamam a ser realistas e a respeitar os seus ritmos e emoções. Uma lição de humildade que sempre podemos aprender. Nunca é tarde para aprendermos com quem julgamos débil.

A nossa Quaresma, como tempo de preparação para a Páscoa, continua pela oração, pela caridade fraterna, pela abstinência... pela expectati-

va de mudanças profundas em cada um de nós e na nossa Casa.

Dia 6 de Abril, Domingo, pelas 15:00h vêm alguns casais amigos visitar-nos e juntos re-

PENSAMENTO

Não sei que tenho no peito; há tantos anos a receber e a distribuir encomendas ao Pobre e sinto sempre o mesmo alvoroço, fresco e delirante, de receber a prenda de anos ou o presente de Natal!

PAI AMÉRICO, *Pão dos Pobres*, 3.º vol., 1999, p 70.

zaremos a via-sacra. Todos os que nos lêem podem aparecer e fazer esses passos de Jesus neste Calvário particular e a caminho de tantos calvários universais: Palestina, Ucrânia, Congo, Moçambique, Ruas com sem-abrigo (ruas das nossas cidades).

Dia 11 de Abril, sexta-feira, pelas 16:30h, vamos fazer a celebração penitencial. Liturgia adaptada à consciência do mal e do pecado dos membros do Calvário.

No Domingo de Ramos, a 13 de Abril, pelas 15:00h, teremos um concerto musical na sala superior do edifício de aço e vidro. Convidamos os amigos

a aparecerem. A fazerem-se presentes ao culto e à cultura.

A Semana Santa, vamos procurar vivê-la intensamente, nos trabalhos do quotidiano e na celebração do tríduo. A celebração da ceia do Senhor, quinta-feira, será dia 17 de Abril, às 18:00h, a que seguirá a ceia dos membros da Casa. A adoração da cruz, Sexta-Feira, dia 18 do mesmo mês, às 15:00h e na capela Espigueiro. O sábado santo será marcado pela recitação das laudes às 8:30h; e das vésperas às 19:00h e o silêncio profundo desse dia de luto e de expectativa.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

IMIGRANTES – Como já aqui demos conta, mais do que uma vez, nos últimos tempos tem aumentado o número de pessoas que ajudamos que estão na condição de imigrantes. Alguns vêm de países lusófonos, mas outros não. Há os que vêm sozinhos, deixando a família nas suas terras de origem e também há os que chegam com a família, ou depois a trazem para junto de si, ao fim de algum tempo.

No que se refere a necessidades materiais, temos ajudado estas pessoas de várias formas. Há quem chegue já com alguma forma de emprego, mas que nem sempre é digno. Por isso, temos tido casos em que ajudamos a encontrar um emprego digno. Também temos ajudado no acesso a habitação condigna a preços que estas pessoas possam pagar. À habitação junta-se o mobiliário que é coisa que estas pessoas não trazem consigo. Além disso, por vezes, tem sido precisa alguma ajuda temporária para alimentação e para necessidades dos filhos.

Este trabalho não se tem confinado aos limites geográficos da nossa paróquia. Há dias fomos até uma paróquia vizinha que tem uma Conferência Vicentina, mas que está inactiva. Chegou lá um moçambicano que veio para trabalhar numa empresa de construção civil. Conseguiu alojamento para trazer para junto de si a mulher e os filhos que tinham ficado no Alentejo, mas vieram sem mobília e sem o resto que é preciso para montar uma casa. Lá se lhes arranhou o que foi possível.

Estas ajudas materiais são muito necessárias, mas, talvez mais importante do que isso, é procurarmos ouvir e pôr em prática o que o Papa Francisco disse na Audiência Geral na Praça São Pedro, no dia 28 de Agosto de 2024: “Repelir os migrantes é pecado grave. A Indiferença mata”. Infelizmente, são muitos os migrantes que morrem todos os dias, em situações quase sempre trágicas. Pouco podemos fazer pelos que estão longe de nós, mas já podemos fazer alguma coisa pelos que estão na nossa proximidade, obviamente sem descurar outras pessoas que também precisam de ajuda.

Os nossos contactos

(só para assuntos da Conferência e não para assuntos da administração do jornal)

Conferência Vicentina de Paço de Sousa

A/C Jornal “O Gaiato”

Largo da Casa do Gaiato, 94

4560-378 Paço de Sousa

Telem. 965464058

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

Américo Mendes

PAÇO DE SOUSA

BATATA — Chegado o tempo da sementeira da batata, o «Meno» tratou de preparar o terreno com adubo e cal e, com a ajuda de alguns dos nossos mais velhos, fizeram a sementeira sentados no semeador. A chuva que depois caiu e o sol que passados poucos dias apareceu, vieram ajudar a batata de semente a ter boas condições para se desenvolver. Assim esperamos.

«DADO» — O nosso cão gosta muito de andar por onde quer. Como passava a maior parte do dia na sua casota vedada com rede, a pouco e pouco foi abrindo um buraco na rede até que conseguiu sair por lá. Enquanto o nosso serralheiro não fizer a reparação da rede, o «Dado» é rei na nossa Aldeia. O que vale é que ele não faz mal a uma mosca, por isso estamos descansados, e quem nos visita nada tem a temer.

Repórter X

NIB's DAS CASAS DA OBRA DA RUA

Casa do Gaiato de Paço de Sousa: 0045 1342 4003 5524 3039 8

Calvário: 0018 0000 0620 9336 0013 3

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: 0035 0468 0000 5577 3301 8

Casa do Gaiato de Setúbal: 0010 0000 0154 4210 0018 7

Património dos Pobres: 0045 3440 4021 8356 4277 8

Conferência de Paço de Sousa: 0035 2146 0000 1508 9304 9

Conferência do Lar do Porto: 0010 0000 0309 5700 0010 9

Casa do Gaiato de Malanje: 0010 0000 0158 2730 0016 7

Casa do Gaiato de Benguela: 0035 0402 0001 3023 2327 4

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

LAR DO GAIATO DE COIMBRA — Na sequência de mais pedidos de acolhimento de estudantes universitários oriundos de Timor-Leste e para os instalar convenientemente no nosso Lar do Gaiato de Coimbra, foi preciso fazer mais alguns arranjos. Assim, no 2.º piso, num quarto de banho comum, foi colocado um termoacumulador. Sobre a admissão de novos estudantes, no início de Março, deu entrada o José Nano, para concluir o mestrado em *Geociências*, na Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade de Coimbra. Depois, em 26 de Março, a pedido de amigos, foram acolhidos mais dois Rapazes: o Peregrino Fátima Maria, a frequentar o curso de *Jornalismo e Comunicação*, e o Tarcísio Sávio, no curso de *Línguas Modernas*, ambos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Que sejam felizes nesta comunidade, estudando e colaborando, com regras!

FALECEU O SR. PADRE AURÉLIO — A 16 de Março, no Lar de S. José — Casa do Clero, em Coimbra, partiu para a casa do Pai celeste o nosso amigo Padre Aurélio de Campos. A Missa exe-

quial foi a 18 de Março, pelas 10h30, na Sé Nova, em Coimbra, presidida pelo Sr. Bispo, D. Virgílio Antunes, e concelebrada por muitos sacerdotes, tendo participado o nosso Padre Manuel. O cortejo fúnebre seguiu para a sua terra natal — Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra. Aos seus familiares, apresentamos as nossas condolências e pedimos no altar do Senhor para que viva com Deus! Foi ordenado Presbítero em 15 de Agosto de 1956, na Sé Nova, em Coimbra, e teve várias missões pastorais, como Reitor de Seminário de Coimbra. Deixou publicado um belíssimo livro: *Seminário de Coimbra — Subsídios para a sua História*, Coimbra, 2014. Agradecemos muito um documento antigo sobre Padre Américo que confiou ao nosso Padre Manuel, que depois o entregou no *Memorial Padre Américo — Obra da Rua*, em Paço de Sousa. Bem-haja!

100 ANOS DA ORDENAÇÃO DO PADRE BRÁS — A 15 de Março, pelas 18h30, na igreja de Santo António dos Olivais, em Coimbra, ao cuidado dos Padres Franciscanos Conventuais, para assinalar o centenário do dom

do sacerdócio do Venerável Padre Joaquim Alves Brás, foi celebrada uma Eucaristia, presidida pelo Sr. Bispo de Coimbra, D. Virgílio, concelebrada por alguns sacerdotes, como o nosso Padre Manuel, e participada por Cooperadoras da Família e amigos. Felicitamos a *Família Blasiana* por este 100.º aniversário e que Deus chame vocações! Nas Cooperadoras da Família, em Coimbra, temos encontrado boa colaboração. Obrigado!

PARTILHAS E CONTACTOS — Cumpre-nos agradecer as partilhas que vários Amigos e Amigas nos têm feito chegar, para pagamentos das assinaturas do jornal O GAIATO e como donativos. Vão sendo importantes para pagar as facturas da Casa do Gaiato com o Lar de Coimbra e para alimentar esta Família, que tem crescido e tem muitas despesas. A nossa gratidão, oração e votos de muita saúde! Precisamos que os leitores do nosso jornal tragam mais amigos. Morada e contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato, Largo de S. Brás — N.º15, 3220-034 Miranda do Corvo; telefone: 239 532 125; correio electrónico: gaiatomiranda@gmail.com

Rapazes de Miranda

BEIRE – Flash's

Hoje, o Calvário subiu de (A)preço...

1. Quem morre primeiro, nós ou?!... O tempo não dá para tanto. (*Nem eu quero que dê...*). Não dá para ver tudo o que, pelas redes sociais, chega até nós, vindo de e de... «um milhão de amigos». Como se os amigos das redes sociais pudessem matar esta nossa fome / sede de *amigos de peito*, tão reais quanto nós... Entretanto, as redes sociais não deixam de ter o seu valor e a sua função de grandes oportunidades¹...

Se algo vem d'*aquela* fonte credível, é raro deixar passar. Se não vejo hoje, passo por lá amanhã — porque dali só brota água que mata a sede... Assim foi hoje de manhã, depois do meu tempo de meditação. Era um vídeo Tik Tok, a pôr-nos esta questão: — *Quem morre primeiro, o homem ou o mundo ao seu redor?* Para ilustrar a tese que quer demonstrar, o filmezinho conta-nos a história pungente de um dos maiores atores de Hollywood — Gene Hackman. Estrela e astro, em mais de 100 filmes — vistos por mais de dois milhões de pessoas no mundo inteiro. «Morreu muito antes do seu coração parar de bater». A 18 de fevereiro, «Gene Hackman morreu na solidão e em sofrimento. Sua esposa, a pianista Betsy Arakawa, 30 anos mais jovem, morrera uma semana antes». Apareceu morta, já em decomposição, no chão da casa de banho. Vítima de *hantavirose*².

«Durante sete dias, Gene Hackman vagueou pela casa, talvez sem saber o que estava a passar-se. Talvez a chamar por Betsy. Talvez tendo deixado de comer, de beber. Não se sabe. Nem jamais se saberá porquê. Ninguém viu».

«Sete dias depois, aos 95 anos de idade, com Alzheimer avançado, Gene Hackman também morreu. Sem testemunhas. Ele, um homem visto por mais de dois milhões de pessoas, morreu sozinho — sem que ninguém se apercebesse disso».

Tanto ele como sua esposa só foram encontrados sete dias depois. Ninguém bateu à porta. Ninguém telefonou. Ninguém se preocupou com eles...

Embora a sua conta bancária somasse mais de 90 milhões de dólares, não tinham cuidadores nem enfermeiros...

2. Um chazinho para o Diamantino... Com todos estes dados a moer cá por dentro, entro no pavilhão dos doentes. Uma cuidadora de serviço desce com a bandeja do chazinho da manhã. Vai em direção ao corredor da *ala A (Américo)*, onde os quartos do Valdemar e do Diamantino a esperam. A semear o amor que, somado ao «pão nosso de cada dia», alimenta aquelas vidas. Que nunca tiveram «dois milhões de espectadores». Mas têm quem lhes preste *atenção*... Essa *coisa* que sempre dá *mais vida e vida em abundância* a quem dela mais precisa — e que faltou a Gene Hackman e Betsy, naquela hora...

Já na parte da tarde, vejo outra cuidadora de volta do sr. Neca, a meter-lhe o comer na boca e a limpar-lhe a baba... Idem à D. Adelaide — que, em tempos de sua juventude, foi braço direito de Pe. Baptista, no desenrolar da vida aqui no Calvário...

Penso nos «noventa milhões» malbaratados e na arte de os gerir bem — a responder às crescentes necessidades de um **Serviço Social**, de tal modo organizado que ninguém viva nem morra assim ao abandono — «como um bicho», dizia-se no mundo rural em que nasci e cresci... Porque o dinheiro, só por si, não resolve os problemas sociais. Basta pensar nas trocas e baldrocas dos Presidentes dos EUA e da União Soviética — a tentar levantar a cabeça — para «ver quem manda no mundo à sua volta»...

O caso de Gene Hackman e de Betsy Arakawa somado a tantos outros que a comunicação social vai revelando são prova cabal de que a **sonhada irradiação da pobreza** (física e moral) está bem longe de acontecer. Mesmo sabendo que é **essa pobreza que nem Deus a quer**.



PÃO DE VIDA

Pai Américo e D. Domitilla de Carvalho

QUANDO há mais de meia dúzia de anos, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, localizámos três cartas do Padre Américo ao Dr. António de Oliveira Salazar [vd. AOS/CP-009, cx. 866, f. 201-215], tendo depois iniciado a sua publicação, em primeira mão [vd. *O Gaiato*, N.º 1956, 2 Mar. 2019, p.4], também tivemos notícia de outra carta da autoria de D. Domitilla de Carvalho, de Maio de 1952, antes de uma viagem de Pai Américo a África, com uma referência a ter em dívida conta. Para memória futura, iremos transcrever a parte final dessa missiva. Sem anacronismo e considerando meio século de regime democrático, esta pequena informação pode interessar como simples achega documental sobre a relação entre a Obra da Rua e o Estado português, com as Províncias Ultramarinas, nessa época. Sobre o Dr. António Salazar, é de recuar a 28 de Maio de 1926, quando o General Gomes da Costa chefou uma revolta militar em Braga. O regime político instaurado, designado de *Estado Novo*, veio depois a ser dirigido autocraticamente, sendo que foi Presidente do Conselho de Ministros de Portugal, de 1932 a 1968.

Vale bem a pena recordar alguns traços de enquadramento, que nos foram também recordados vivamente pelo nosso Pai. De facto, entre Julho e Outubro de 1952, Padre Américo realizou uma viagem a África com Júlio Mendes, conforme foi anunciado numa coluna sob o título *‘Eu vou à África’*: «*Alguns jornais já o disseram e agora digo eu. Vou sim senhor. [...] A razão da viagem é simplesmente esta: Como nós temos já alguns rapazes em África e muitos mais não-de ir, pretende-se visitar cada um dos que já foram e estudar ao mesmo tempo a possibilidade de conseguir uma residência para*

os deles que estamos preparando aqui. [...] [O Gaiato, N.º 215, 24 Maio 1952, p. 3]. Mais adiante, deu notícias numa coluna ‘Eu vou à Ultramar’: «Conto que seja no próximo mês de Julho, porém do nome do pacote e data da partida, nada posso dizer, por enquanto. Não sei.

Que vou ali fazer? Também não sei. Só sei que me custa muito ir! Eu nunca sei para onde e como vou. Há muito anos que ando assim perdido. Só depois de chegar é que começo a dar fé e a ligar as coisas e a compreender...! Em África vai ser assim. Por agora só tenho para dizer aos meus leitores que a deslocação me é dolorosa.

Tenciono, melhor diria, tencionamos por que o Júlio Mendes deve acompanhar-me. Tencionamos, digo, desembarcar em Luanda e ver o que nos for possível na Província de Angola. Há trinta anos que por ali não passo. Segundo as cartas do Amadeu ao seu irmão Júlio, muito se tem feito em relação ao que estava. E muito mais há a fazer em relação ao futuro. Sim. Havemos de observar como e quanto nos for possível. O Gaiato há-de dizer, assim como foi do Brasil.

Depois de duas semanas por aquela Província, tencionamos ir ao Congo Belga e dali voar para a Rodésia. Não faço ideia de tempo e de distância. Não sei de acolhimentos nem de facilidades. Eu vou perdido. Sei que me custa ir e isso basta para realizar totalmente o meu programa! Tenho um amigo na Beira que prometeu ir buscar-me à capital da Rodésia; mas se por ventura ele não puder, nós temos o comboio. Uma vez na Beira estamos em casa e mais ainda quando chegarmos ao Luabo. Ali se encontra o irmão do Júlio. É mesmo para o abraçar que Júlio foi o escolhido. Ali se encontra o António Teles. Ali tenho amigos de outros tempos que ainda são amigos. Sim no Luabo estamos

em casa habitada por filhos e por amigos. O Chinde, aonde também quero ir, essa terra que seria a minha casa, por ter ali consumido todos os meus anos verdes. Mas não é. Não é, porque está vazia; segundo me consta, o mar comeu o Chinde do meu tempo e dos que então existiam, não há um que chame pelo meu nome! É assim. Todos nós caminhamos, não para a morte, como muitos dizem, mas sim para uma outra vida: a vida eterna!

Conforme o tempo e a disposição, é possível ir e ver outras terras da Província de Moçambique; mas eu não sei. Eu não faço programa. Eu sou um perdido sem vontade própria. Depois direi.» [O Gaiato, N.º 216, 7 Junho 1952, p. 2].

Então, da referida missiva da Dra. Domitilla de Carvalho ao Senhor Presidente do Conselho, datada de 23-5-1952, recortámos o texto em que é mencionado o Padre Américo — *‘o grande amigo dos pobres [...] que parte brevemente para Luanda’*, e na qual pediu ao Dr. Salazar que o recebesse. Eis:

«[...] No momento estava presente o homem que todo o País conhece, o grande amigo dos pobres, que tantas maravilhas já realizou em seu proveito, aquele que tem livrado centenas de crianças das cadeias, da morte, da miséria material e moral pior do que a morte — o simples, o humilde Padre Américo. Vai partir brevemente para Luanda, onde continuará a pregar o Evangelho, realizando o seu Apostolado de amor. Tinha a ambição de falar com Vossa Excelência antes da partida. Pode conceder essa grande felicidade àquele que tem tornado felizes tantos desgraçados?

Por Deus lhe peço: no dia e hora, que Vossa Excelência determinar, receba-o. Eu o prevenirei pelo telefone, alegrando-me antecipadamente com a alegria que ele vai ter.

Continua na página 4

3. Chovem os telefonemas para «pai Telmo»...

Lembro que já o ano passado registei o facto: no *Dia do Pai*, os telefonemas para Pe. Telmo começaram muito cedo... Registei que o Adão, o ano passado, foi o primeiro. Ainda ao levantar da cama. Este ano, foi o Lupicínio, antes do pequeno almoço... Dois homens que Pe. Telmo, há 20 / 40 e muitos anos, acolheu, ainda meninos de colo, na Casa do Gaiato de Malanje. Hoje, também dali, desde a vídeo chamada de Pe. Rafael aos rapazes mais velhos que «ele criou», todos se derretem em gestos de ação de graças por esta fecunda paternidade do coração...

Depois, ao princípio da tarde, a Fatinha da Costura quer saber a que horas é a missa, porque «queria ir lá antes dar um beijinho a Pe. Telmo. Hoje é o *Dia do Pai* e eu devo tanto àquele senhor que também me sinto filha»...

Concluo, muito convictamente: A aposta não pode fazer-se na conta bancária, onde a traça e os ladrões (Mt 6:19-21).

A aposta tem de ser feita nas relações *humanas* (relações *divinas!*...). Essas que respondem à aspiração mais profunda do nosso ser — poder ser si próprio numa relação de reciprocidade de comunhão amorosa.

1 — Gosto daquela ideia de que «o maior pecado é perder *aquela* oportunidade» em que «a voz de Deus» tentou fazer-se ouvir...

2 — Doença dos ratos... Coisa que pode apanhar-se quando esses roedores passam a infetar o nosso habitat — como parece ter acontecido ali, onde um dos 3 cães do casal também já estava morto de fome e em decomposição...

Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]

MALANJE

A PÓS o acidente da nossa Hiace, estamos a recuperar em Casa. Os rapazes que estiveram envolvidos no desastre estão a recuperar gradualmente das sequelas e estão a regressar à escola. Pedimos ajuda à Obra da Rua para podermos comprar outro transporte em segunda mão. Mas continuaremos a precisar da ajuda de muitos colaboradores para podermos enfrentar todas as dificuldades que estamos a viver de novo em Angola.

No próximo ano vamos reabrir o Lar numa das Casas, para que os rapazes possam ter uma sequência depois de terminarem os estudos e entrarem na vida. Nós, como pais, temos que ter consciência da grande responsabilidade que temos pelos nossos filhos e que não lhes falta o apoio necessário para enfrentar a vida.

Durante este mês que estive em Malanje, aproveitei para falar pessoalmente com muitos gaiatos, principalmente os mais velhos, e foi uma experiência muito gratificante e de crescimento pessoal. Mais uma vez se confirma a necessidade de acompanhar a vida de cada rapaz e que sempre precisaremos de um pai em qualquer altura das nossas vidas.

A Obra da Rua está empenhada em desenvolver o trabalho em Angola de uma forma mais activa e novos projectos surgirão, e em abrir um Lar para crianças com deficiência física e mental em Malanje. Para dar início ao que será o futuro Calvário em Angola.

Padre Rafael

DA NOSSA VIDA

Continuação da página 1

mútuo, sem prejuízo do seu crescimento e formação em vista do futuro, fundamentando a valorização dos critérios educativos não no individual mas no bem comum. Este ajudará a aferir o que é melhor para a família e para o indivíduo.

Embora também imperfeitos mas procurando o bem comum e, implicitamente, o bem individual, os nossos valorizam a sua experiência numa Casa do Gaiato e mostram o seu contentamento com a máxima que eles mesmos criaram: «Uma vez gaiato, gaiato para sempre».

Padre Júlio

CALVÁRIO

Continuação da página 1

O Domingo de Páscoa da Ressurreição, terá na Missa das 10:00h o seu ponto alto e na espera atenta do compasso, com que a paróquia de Beire nos brinda, o seu timbre de tradição a que não queremos faltar.

A nossa Páscoa semanal tem sido muito bem participada. A quase totalidade dos membros do Calvário vão à Capela, ajudados por voluntários, sobretudo no apoio às cadeiras de rodas, já temos 11 membros nessas condições e que têm de vencer as escadas para aceder ao piso superior.

Padre José Alfredo



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 8450

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98
NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5
NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

POBRES

É uma mãe com dois filhos adolescentes, que recentemente viu a sua vida complicar-se. Quando aparece uma doença nós concluímos que a vida se complica. Se a doença é grave, acentua-se.

Tendo que acompanhar a filha nos tratamentos hospitalares, ficou mais limitada para ganhar o necessário. Em risco de perder a casa, com rendas em atraso, voltou a falar-nos passado um ano, quando um problema em tribunal havíamos ajudado a resolver.

Agora o senhorio pressionava-a e ameaçava. Quando se viu na iminência de perder a casa recorreu a nós, e, aflita, pediu ajuda.

Não estávamos a par da doença da filha, mas depressa compreendemos as razões da sua aflição.

Apesar de tanta injustiça levemente cometida, há muitos heróis, mártires e santos anónimos, parafraseando Pai Américo. As condições materiais são melhores que no seu tempo, mas muitas vezes inacessíveis ou difíceis de alcançar.

Padre Júlio

PÃO DE VIDA

Continuação da página 3

Domitilla de Carvalho [vd. ANTT: *Arquivo Oliveira Salazar* — AOS/CP-051, cx. 908, f. 248-249].

É notória a proximidade entre Pai Américo e a Dra. Domitilla de Carvalho, que tinha facilidade em chegar ao Presidente do Conselho. Mas, será que este encontro aconteceu, antes da viagem de Pai Américo a África?... Sobre este assunto, da acção de Pai Américo como *Procurador dos Pobres*, em Lisboa, fica este seu desabafo: «*Gastei os dias da semana na capital, a pisar tapeçarias dos ministérios, em cólicas! Uns ministros dão a mão, outros deixam-me cair no chão, consoante seus critérios que a gente aceita e respeita. O que não vier duns, virá doutros. Acredito na Obra da Rua. Sei a quem sirvo.*» [Pão dos Pobres, vol. IV, Paço de Sousa: Ed. Casa do Gaiato, p. 157].

[Continua]

Padre Manuel Mendes

SINAIS

A última esperança longe dos portugueses caiu... Fugiram para o quartel para salvar a vida. «Vamos fugir mesmo com o coração cheio de angústia».

Tudo acabou. Em todos a ideia de entrar na coluna que o exército português estava a organizar em direcção aos aeroportos de Nova Lisboa e Luanda com o fim de arranjar boleia para Lisboa. «Mãos vazias – sem nada».

Leio um texto de um grande

livro: «Crime sem castigo» do nosso amigo Luís Rodrigues.

«Começaram a sair as primeiras colunas. 120/130 viaturas cada, com destino a Nova Lisboa ou Luanda.

Ao sair de Malanje, a última visão que retive foi uma parte do Palácio do Comércio com marcas de incêndio e, mais à frente, na encosta do hospital, alguns mortos em posições grotescas.

A população angolana, que assistia à nossa partida, olhava silenciosa, incrédula e estupefacta, braços caídos e olhar espantado sem qualquer gesto de hostilidade».

Na mesma coluna foram os nossos «Batatinhas» – acompanhados pelo Júlio e sua esposa Joaquina — para a nossa Casa de Benguela. Chegaram bem.

Padre Telmo

A vida em família é difícil para muitos. Certamente que a insuficiente preparação contribui para os desenlaces. Mas ainda haverá quem a deseje ou deixa-se tudo ao acaso das circunstâncias futuras?

Se a família colapsa, os seus membros são os primeiros a sofrer os efeitos, embora de modo diferente. Corrigir e recuperar esta anomalia, familiar e social, será alcançável?

A doença, especialmente quando grave, é o mais difícil de suportar porque aponta para o sofrimento e o final da vida. Entram em jogo, nesse estado, os fundamentos onde se alicerça a vida. Encarar a doença com esperança, apesar da possibilidade imprevista de a vida se abreviar, pede mais que a capacidade humana natural. Faz apelo à fé.

Esta jovem «muito dependente de ajuda para tudo e para comer, não tem força para caminhar» e outras dificuldades, é um apelo a maior seriedade na vida. A sua dor, como a de muitos outros e outras, não pode ser olhada como uma fatalidade. É um apelo à responsabilidade de cada um, na forma como vive.

BENGUELA – VINDE VER!

Formação e Solidariedade

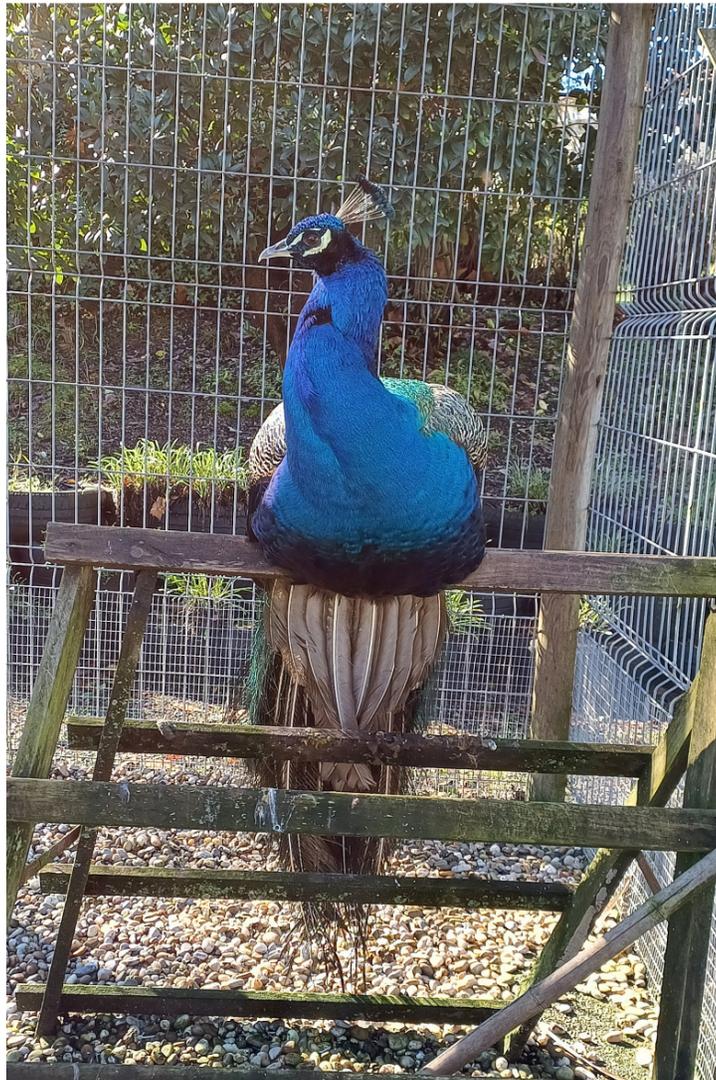
FORAM seleccionados vinte rapazes maiores de 17 anos, subdivididos em dois grupos de 10 membros, para participarem de uma formação no âmbito da agropecuária. O formador é um Engenheiro com competências na área e voluntariou-se em colaborar connosco para capacitar os nossos jovens que há muito sonhavam em participar no ramo da agricultura com conhecimento de causa sobre o manejo agropecuário. Os rapazes estão animados e querem seguir alinhando as teorias à prática exposta diariamente e a todo o momento nos nossos campos agrícolas e nas instalações pecuárias. O «Filipe» já sabe vacinar o gado, tem feito um trabalho notável de grande valor e responsabilidade na nossa casa desde a sua passagem ao cargo de chefe maior. Esta última tarefa entregue agora ao «Ngongo». O novo maior anda a tirar o curso médio de saúde e encontra-se na fase final, em que é necessário a realização do estágio. Neste momento com o apoio dos outros chefes para suprir a sua ausência face às suas responsabilidades de Casa. É assim mesmo. Os rapazes encontram-se em formação para alcançarem a sua autonomia e poderem realizar-se profissionalmente na vida social activa. A agricultura é um campo novo a ser explorado com a força mais intensiva dos rapazes, pois esta tarefa era desempenhada pelos operários eventuais e efectivos da Casa. Neste momento toda a actividade da pecuária já está sobre a responsabilidade dos rapazes. E no campo acredito que com introdução deste grupo e com a mecanização em curso desde a chegada do pivô, estaremos a viver os primeiros dias de uma nova era agropecuária na nossa Casa. Não basta boa vontade e força de trabalho é preciso alinhar tudo isto aos conhecimentos que conduzem às novas práticas agrícolas e factor mecanização. E é este o desafio que assumimos diante da crise alimentar que Angola atravessa. Não há alimentos para todos. É preciso muito dinheiro para comprar um pãozinho ou um quilo de farinha de milho. O dinheiro está concentrado nas mãos dos grandes. Os grandes são poucos e não lhes falta nada. Os pequenos são a maioria e falta-lhes tudo. No portão da entrada da Aldeia está quase sempre cheia de pessoas idosas e crianças que vem pedir alguma coisa para saciar a fome. Outro dia convidei o grupo de pedintes a subirem para o carro para os levar a sede da administração municipal para serem atendidos por quem tem obrigação de administrar os bens da Nação, e notei que neste dia os pobres se retiraram em silêncio, um a seguir ao outro e foram-se embora desesperados. Porque será este comportamento? Fiquei a pensar... é o medo mais a fome que acabou de roubar a sede de justiça de milhares de famintos em várias regiões do País e outras localidades do globo onde se regista vergonhosamente o regresso da fome mais a cólera é igual à miséria antropocêntrica. Os pobres têm medo de pedir aos grandes, só pedem aos pobres da mesma condição que têm alguma coisa para os dar.

Aprendi que os pobres compreendem os outros pobres, e por isso não os podemos mandar ir ter com os poderosos. Primeiro porque não os compreendem a razão da sua penúria e segundo porque o sentido da generosidade ainda não nasceu nos seus corações. Não deixemos de rezar nesta quaresma pela conversão dos pecadores. A fome e a cólera são frutos colhidos da sementeira de pecado.

Vamos trabalhar juntos na construção de um Mundo novo. De homens e mulheres novos. De governantes e governados novos. De professores e alunos novos.

As novas gerações necessitam de orientação e formação sólida como o ar para respirar, para se poder conduzir com prudência face aos desafios surpreendentes dos ventos ruidosos dos tempos que hão-de vir, para evitar a derrocada à semelhança da casa construída sobre a areia. A conclusão é de Pai Américo, «A todos os sistemas de educação, a todos os processos infantis que a ciência recomenda, preferimos inculcar no ânimo destes mais pequenos o hábito do trabalho, sem, contudo, menosprezar tudo quanto vem nos livros».

Padre Quim



Continuamos à espera que os nossos pavões se reproduzam. Já começaram as pavoas a fazer a postura dos seus ovos. Esperamos que desta vez seja vez para que tenhamos mais pavões no nosso parque, eles que enchem os olhos de quem passa, de maneira que por vezes fica parado a contemplá-los (Paço de Sousa).